

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v21i37.1136>

***CURURUPU E A ILHA DOS LENÇÓIS***: o domínio mítico de D. Sebastião no imaginário maranhense<sup>1,2</sup>

***CURURUPU AND THE LENÇÓIS ISLAND***: the mythical domain of D. Sebastião in the imaginary of Maranhão

***CURURUPU Y LA ISLA DE LOS LENÇÓIS***: el dominio mítico de D. Sebastião en el imaginario del marañense

ADRIANA ZIERER

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5545-5123>

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)  
 Pós-Doutorado na École des Hautes Études em Sciences Sociales (GAHOM-EHESS)  
 Docente na Graduação e Pós-Graduação da  
 Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST-UEMA)  
 Docente na Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS-UFMA)  
 Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ 2)  
 São Luís/Maranhão/Brasil  
[adrianazierer@gmail.com](mailto:adrianazierer@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho procura apresentar um breve percurso do rei histórico D. Sebastião (1554 - 1578) e a sua relação com a construção do Sebastianismo, isto é, a crença de que o rei não havia morrido na Batalha de Alcácer-Quibir (1578) e de que retornaria para trazer tempos de glória a Portugal. Com a sua morte, apareceram quatro falsos D. Sebastião, o que representava uma resistência contra a União Ibérica. Também discuto a (re)apropriação do mito no Brasil, que passa a ser a esperança de vida melhor para as populações pobres, e a sua ligação a movimentos messiânicos em Pedra Bonita (PE), Canudos (BA), Contestado (PR e SC), entre outros. No Maranhão, o mito de D. Sebastião adquire peculiaridades interessantes na Ilha dos Lençóis, no município de Cururupu. Ele passa a ser o “touro encantado” com uma estrela branca na testa e que corre nas areias da Ilha dos Lençóis, engravidando as moças nas noites de lua cheia. Um dia, a estrela será atingida por alguém muito valente, e D. Sebastião retornará à sua forma humana para trazer riqueza aos pobres, mas ao mesmo tempo a capital do Maranhão, S. Luís, irá afundar. O mito relaciona passado e presente, daí a sua importância para os estudos de História.

**Palavras-chave:** Ilha dos Lençóis. Maranhão. D. Sebastião.

**Abstract:** This work seeks to present a brief journey of the historical king Sebastião (Sebastian) (1554-1578) and his relationship with the buildup of Sebastianism, that is, the belief that the king had not died in the Battle of Alcácer-Quibir (1578) and that he would return to bring times of glory to Portugal. With his death, four D. Sebastião fakes appeared, which represented a resistance against the

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em agosto de 2023 e aprovado para publicação em dezembro de 2023.

<sup>2</sup> Agradeço aos Profs. Drs. Luciana Nascimento, Luiz Montez e Álvaro A. Bragança Jr. pelo convite para participar do evento *Cartografias da Civilização*. Espaços, conflitos e discursos em perspectiva interdisciplinar, realizado na UFRJ/FL, em 2016, no qual apresentei o trabalho que inspirou a escrita deste artigo. Agradeço também aos Professores Doutores Solange Oliveira (Bolsista de Pós-Doutorado UEMA-FAPEMA) e Tiago Augusto Nápoli, ambos do *Brathair*, pelas sugestões ao texto. Por fim, agradeço igualmente à Prof. Dra. Elizabeth Abrantes, do Departamento de História da UEMA, pelas contribuições ao trabalho. O conteúdo, porém, é da minha inteira responsabilidade.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

Iberian Union. I also discuss the (re)appropriation of the myth in Brazil, which becomes the expectation of a better life for poor populations, and its connection to messianic movements in Pedra Bonita (PE), Canudos (BA), and Contestado (PR and SC), among others. In Maranhão, the myth of D. Sebastião acquires interesting peculiarities on Ilha dos Lençóis (Lençóis Island), in the municipality of Cururupu. He becomes the “enchanted bull” with a white star on his forehead that runs on the sands of Ilha dos Lençóis, impregnating the girls on the nights of full moon. One day, the star will be struck by someone very brave, and D. Sebastião will return to his human form to bring wealth to the poor; at the same time, however, the capital of Maranhão, São Luís, will sink. The myth relates past and present, hence its importance for History studies.

**Keywords:** Lençóis Island. Maranhão. D. Sebastião.

**Resumen:** Este trabajo busca presentar un breve recorrido del rey histórico D. Sebastião (1554-1578) y su relación con la construcción del sebastianismo, es decir, la creencia de que el rey no había muerto en la Batalla de Alcácer-Quibir (1578) y que volvería para traer tiempos de gloria a Portugal. Con su muerte, aparecieron cuatro falsos D. Sebastião, que representaron una resistencia contra la Unión Ibérica. También se discute la (re)apropiación del mito en Brasil, que paso a ser la esperanza de una vida mejor para las poblaciones más pobres, así como la conexión con los movimientos mesiánicos en Pedra Bonita (PE), Canudos (BA), o Contestado (PR e SC), entre otros. En el estado de Maranhão, la leyenda de D. Sebastião adquiere interesantes peculiaridades en la Isla de los Lençóis, en el municipio de Cururupu. Esta se convierte en el “toro encantado” con una estrella blanca en la frente que corre por las arenas de Isla de los Lençóis, fecundando a las niñas en las noches de luna llena. Un día, la estrella será golpeada por alguien muy valiente y D. Sebastião volverá a su forma humana para llevar riqueza a los pobres, pero al mismo tiempo la capital de Maranhão, São Luís, se hundirá. El mito relaciona pasado y presente, de ahí su importancia para los estudios de Historia.

**Palabras clave:** Isla de los Lençóis. Maranhão. D. Sebastião.

## Introdução

O mito de D. Sebastião, hoje, no Brasil, está ligado à *História Regressiva*. De acordo com Bloch (2001), no livro *Apologia da História*, olhamos o presente e buscamos o passado para obter respostas. A Ilha dos Lençóis é onde simbolicamente se encontra encantado o rei histórico D. Sebastião (1568-1578)<sup>3</sup>, na forma de touro, que irá um dia desencantar-se. Olhamos, então, esse mito do presente e vamos ao passado em busca de respostas.

Cururupu fica no norte do Maranhão (litoral Ocidental), habitado inicialmente por índios tupinambás e conquistado no século XIX, sendo realizada ali a produção de cana de açúcar, com mão de obra escrava. Nessa cidade, de origem colonial, a zona rural é composta

<sup>3</sup> D. Sebastião nasceu em 20 de janeiro de 1554, dia dedicado a S. Sebastião, que morreu flechado, defendendo a fé cristã. Recebeu o epíteto de o “Desejado”, na medida em que o seu pai morreu de diabetes juvenil, e ele se tornou o único herdeiro de seu avô D. João III (1502-1557), sendo o último rei da Dinastia de Avis (1385-1580). Após o seu súbito falecimento em batalha, o trono foi entregue a um tio seu, o Cardeal Henrique, já idoso, que faleceu dois anos depois. Foi aclamado rei aos quatorze anos, em 1568. Sebastião tinha provavelmente uma doença rara, era muito religioso e não quis se casar, por isso morreu virgem e sem herdeiros aos vinte e quatro anos, em 1578 (ver, entre outros, Cruz, 2009).

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

por comunidades tradicionais quilombolas, e na região continental estão os pescadores artesanais.

**Figura 1-** Mapa Floresta dos Guarás, no Maranhão, onde fica a Ilha dos Lençóis<sup>4</sup>



Fonte: Fialho (2017).

A zona costeira do município é composta por um conjunto de ilhas oceânicas que formam quatro arquipélagos. Em um deles, está a Ilha dos Lençóis, objeto deste trabalho. É importante não confundir com os Lençóis Maranhenses, em Barreirinhas, importante área turística da atualidade e que fica distante cerca de 250 km de São Luís. A Ilha dos Lençóis, também conhecida como Lençóis, fica a 200 km da costa do estado do Maranhão, e é uma área de difícil acesso. Localiza-se no litoral oeste do estado, quase divisa com o Pará, por isso, saliento, não devemos confundir-la com os chamados Lençóis Maranhenses, ligados à

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.nugeo.uema.br/?p=11040>. Acesso em: 7 jan. 2024.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

cidade de Barreirinhas, localidade bastante frequentada em busca dos passeios nas dunas e no rio Preguiça.

**Figura 2** - Localização de Cururupu, no estado do Maranhão, Porto de Cujupe onde se localiza a Ilha dos Lençóis



Fonte: UFMA [...] (2010)<sup>5</sup>.

Por ser de difícil acesso, a maneira mais viável de se chegar à chamada Ilha dos Lençóis é ir até Apicum-Açu, município próximo de Cururupu, de carro ou ônibus, e de lá tomar um barco. Assim, o roteiro sugerido é ir de São Luís via *ferryboat* até o Porto de Cujupe, em Alcântara, e dali são cinco horas de carro até Apicum-Açu. Dessa localidade se toma um barco, sendo necessárias ainda cerca de três horas até Lençóis. A ilha é parte da Reserva Extrativista Marinha de Cururupu (Reis, 2022), região também conhecida como Floresta dos Guarás, ou seja, pássaros da cor vermelha cuja pigmentação se deve à sua alimentação à base de caranguejos.

<sup>5</sup> Mapa de Denilson Amorim. Disponível em: <https://reentrancias-ma.blogspot.com/2010/04/ufma-levara-energia-eolica-para-o.html>. Acesso em: 3 set. 2023.

**Figura 3 - Floresta dos Guarás (Apicum Açú-MA)**

Fonte: Floresta [...] [201-]<sup>6</sup>.

A ilha não possui energia elétrica, sendo iluminada por geradores, presentes em algumas pousadas para recepcionar eventuais turistas. Localiza-se no Arquipélago de Maiaú, que faz parte de um conjunto de ilhas. A maior parte da população é pobre, sobrevive da pesca e pratica cultos africanos (Alvite *et al.*, 2014, p. 661-662). Um elemento a ser salientado é que boa parte das pessoas são de origem albina, crendo serem filhos de D. Sebastião (Castro, 2020). O reino de D. Sebastião “[...] está oculto no fundo do mar, próximo aquela ilha. O rei vive em seu palácio submerso e seu navio nunca encontra a rota para Portugal” (Ferretti, 2004, p. 213).

O mito de D. Sebastião é um elemento importante que une passado – História de Portugal – e presente – História do Brasil e História do Maranhão. Historicamente, D. Sebastião foi rei de Portugal e, após o seu falecimento na chamada Batalha de Alcácer-Quibir contra os islâmicos nesta localidade africana, muitos acreditaram que ele não havia morrido, mas estaria encoberto, escondido e que reapareceria depois:

---

<sup>6</sup> Foto da Prefeitura de Apicum Açú-MA. Disponível em:

<https://www.visiteobrasil.com.br/nordeste/maranhao/ecoturismo/conheca/floresta-dos-guaras>. Acesso em: 3 set. 2023.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

**Figura 4** - D. Sebastião aos 17 anos, por Cristovão de Morais c. 1571-1574



Fonte: Sebastião [...] (2021)<sup>7</sup>.

O monarca partiu de Portugal em junho de 1578 e, em 4 de agosto, foi totalmente destruído pelos Mouros na Batalha dos Três Reis, perto de Alcácer-Quibir (*Ksar-el-Kebir*). Além de ele próprio ter perecido, morreram 8 mil dos seus homens, sendo capturados cerca de 15 mil. Poucos escaparam. A seguir, uma representação do conflito:

---

<sup>7</sup> Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebastião\\_I\\_de\\_Portugal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebastião_I_de_Portugal). Acesso em: 20 maio 2023.

**Figura 5** - Representação da Batalha de Alcácer-Quibir (1578), no Marrocos<sup>8</sup>



Fonte: Batalha [...] (2019)<sup>9</sup>

Vemos, na xilogravura, dois exércitos se enfrentando, um homem a cavalo na frente, com uma lança, representando D. Sebastião. Do lado direito da imagem, uma bandeira com pequenas luas, símbolo islâmico. Em pé, ao centro da imagem, está provavelmente a figura de líder do exército muçulmano, Ab al-Malik, com uma espada em riste, arma curvada, de origem muçulmana. Também, no chão, há um homem deitado, com o seu chapéu caído e espada empunhada, que pode ser um duplo de D. Sebastião, indicando a sua derrota.

O século XVI foi caracterizado por crenças messiânicas, como as de um sapateiro proveniente de Trancoso, em Portugal, chamado Gonçalo Anes, o Bandarra. Lia muito a Bíblia, e as suas ideias tiveram grande aceitação entre os cristãos novos, em um contexto de conversão forçada dos judeus, no reinado de D. Manuel, e estabelecimento da Inquisição no reino luso, no reinado de D. João III. Bandarra pregava a vinda de um rei messiânico que dominaria o mundo inteiro e, sob cujo Império, um único Deus seria adorado. Por volta de

<sup>8</sup> Esta gravura consta na obra *Miscelânea*, de Miguel Leitão de Andrade, publicada em 1629.

<sup>9</sup> Biblioteca Nacional, Lisboa. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha\\_de\\_Alc%C3%A1cer\\_Quibir](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Alc%C3%A1cer_Quibir). Acesso em: 3 set. 2023.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

1541, foi preso pela Inquisição e proibido de divulgar as suas trovas (Besselaar, 2002; Real, 2008; Hermann, 1998; Lima, 2010; Magalhães, 2006). Entre as suas trovas, temos a seguinte:

Já o leão é experto [sic]  
 Mui atento.  
 Já acordou, anda caminho.  
 Tirará cedo do ninho  
 O porco, e é mui certo.  
 Fugirá para o deserto,  
 Do leão e seu bramido,  
 Demonstra que vai ferido  
 Desse bom Rei Encoberto (Bandarra, 2008, p. 57).

**Figura 6** - Gravura representando Bandarra, sapateiro de Trancoso, em Portugal



Fonte: Bandarra [...] (2012)<sup>10</sup>.

As trovas eram conhecidas por toda a população, e muitas vezes as crianças aprendiam a ler com elas, mesmo com a proibição. Com a súbita morte de D. Sebastião, último herdeiro da Dinastia de Avis e, logo a seguir, o domínio castelhano sobre Portugal, a União Ibérica (1580-1640), as ideias de Bandarra sobre um rei encoberto e messiânico voltaram com força por meio do Sebastianismo, isto é, a crença no retorno de D. Sebastião, para estabelecer dias melhores em Portugal.

Teoricamente, no imaginário popular, com a derrota no confronto, a nau do rei teria se perdido e ele teria ido parar no Maranhão, na Ilha dos Lençóis. Segundo a lenda, D. Sebastião aparece na forma de touro negro, com uma estrela branca na testa, nas noites de lua cheia (Pereira, 2005). A maior parte da população local, albina, acredita ser filha de D. Sebastião.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bandarra.jpg> Acesso em: 20 maio 2023.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

A vida dessas pessoas é curta, e muitos morrem de câncer de pele, como, por exemplo, Telma, que ficou conhecida por ter participado de depoimentos em reportagens da rede Globo, tendo falecido aos 47 anos, em 2017, devido a essa enfermidade. Telma era considerada a mais velha dessa população albina, de acordo com a reportagem (Sepultada [...], 2017). Alguns habitantes dos Lençóis afirmam serem filhos da lua, ou acredita-se que tal definição foi inventada pelos repórteres, pois, nas noites de lua, D. Sebastião viria engravidar as moças, o que se funde com a lenda do boto.

Um dia, de acordo com essa lenda, algum valoroso guerreiro atingirá a estrela na testa do touro, e ele voltará à sua forma humana. Nesse momento, a corte de Queluz irá emergir das profundezas do mar e será implantado o reino de D. Sebastião na terra, uma nova era de felicidade, prosperidade e justiça (Braga, 2001; Zierer, 2009, 2013, 2021). Os necessitados irão se tornar abastados, enquanto a cidade de São Luís, outra ilha, e capital do estado do Maranhão, porém, irá, de acordo com o mito, afundar. Segundo uma canção muito conhecida da tradição oral:

Rei, é rei, rei Sebastião  
Rei, é rei, rei Sebastião  
Quem desencantar Lençol, vai abaixo o Maranhão  
Quem desencantar Lençol, vai abaixo o Maranhão

Assim, a toada reforça a crença de que se D. Sebastião voltar à sua forma humana, sendo “desencantado”, ocorrerá a ruína do Maranhão, isto é, São Luís, capital do estado, vai submergir para começar a prosperidade em um novo reino, o reino de Queluz, onde os desprivilegiados ficarão ricos.

#### **D. Sebastião, as construções do mito**

O mito é uma construção simbólica da realidade, utilizado com base nos sentimentos e emoções, visando dar uma resposta a determinadas carências da sociedade (Kirk, 1977). Para as pessoas que o vivem, o mito é uma coisa real. Até hoje, é arraigada a ideia de que não se pode levar conchas, nem pedras da Ilha dos Lençóis, pois isso traria má sorte. Essas estariam ligadas ao tesouro de D. Sebastião. Por isso, acredita-se que as embarcações podem encalhar, caso alguém tente levar alguma “riqueza” da região (Dominici *et al.*, 2005, p. 5). Tal crença, muito popular, aparece explicada por habitantes dos Lençóis em

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

*A Ilha de D. Sebastião, o Encantado*, documentário dirigido por Marcyia Reis e Ivan Canabrava, produzido pela TV Câmara, que foi premiado em 2006 no 29º Festival Guarnicé de Cinema e Vídeo de São Luís (MA).

Segundo outra produção audiovisual, gravada em julho de 2018, no qual Ed Wilson Araújo entrevista uma senhora dos Lençóis, de 66 anos, Helena, sem procedência albina, a mesma afirma que é filha de santo e que é possível pedir graças a D. Sebastião, que ele concede. Para Helena, o rei protege a ilha e os seus habitantes e, no passado, encontravam-se nas dunas pedras preciosas pires dourados e xícaras douradas, objetos do navio de D. Sebastião, que teria um palácio na ilha. Outra crença da população, em geral, é que antes era possível encontrar, na região, cordões de ouro e outros objetos preciosos na praia, mas que isso não mais ocorre seja por algum motivo misterioso ou porque tais riquezas já foram levadas dali.

Podemos chegar a vários questionamentos: por que esse mito do retorno de D. Sebastião foi criado nos séculos XVI e XVII? Por que foi trazido de Portugal para o Brasil? O mito é o mesmo em Portugal e no Brasil naquela época e hoje? Quais foram as transformações pelas quais passou?

É possível considerar que, para Portugal, o retorno de D. Sebastião representava o retorno da glória perdida do reino nas Grandes Navegações. Seria o retorno da importância de Portugal na conquista Ultramarina e de seu destaque frente a outros povos. É fundamental salientar que, logo após a morte de D. Sebastião, último rei da Dinastia de Avis, o reino foi ocupado por seu tio, o cardeal D. Henrique, já idoso, que faleceu dois anos depois. Como D. Sebastião não era casado, nem tinha herdeiros, por influência do ideal cavaleiresco de Galaaz, personagem da novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal* (Megiani, 2003, p. 64; Zierer, 2019, p. 102-106), o trono português foi ocupado, em 1580, por seu tio, o rei Felipe II, da Espanha. Portugal então passou a ser integrada na chamada União Ibérica (1580-1640), como já referido, e a crença no retorno de D. Sebastião representava uma resistência dos lusos contra o domínio castelhano. De acordo com Hermann (2000a, p. 25), o sebastianismo representou “[...] uma forma de luta e de resistência às dificuldades impostas pela perda da soberania portuguesa”.

Por isso, surgiu inicialmente, em Portugal, a ideia de que D. Sebastião não havia morrido realmente, mas havia se retirado e se “escondido”, em virtude do embaraço por haver perdido a batalha de Alcácer-Quibir contra os mouros. Em razão disso, apareceram em Portugal, em diferentes momentos, quatro pessoas que se apresentaram como sendo D. Sebastião. Os falsos D. Sebastião foram os seguintes:

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

1. **O rei de Penacor.** Nascido provavelmente em Alcobaça e proveniente de família pobre. Por algum tempo, pensou em ser eremita. Depois de ficar em vários lugares, retorna a Alcobaça à procura do pai. Forma-se ao seu redor uma pequena Corte, instalada em Penacor, composta por dois bandoleiros que se fizeram passar por valedores do rei Sebastião, sendo um deles um falso bispo. Hermann salienta que, ao contrário de D. Sebastião, que era louro e teria cerca de trinta anos se fosse vivo na época, o outro era moreno e mais jovem, com cerca de vinte anos. É preso, torturado e enviado às galés, ao passo que os dois bandoleiros são enforcados (Hermann, 1998, p. 249-252).

2. **Mateus Álvares ou o falso de Ericeira.** De origem humilde, chegou a ser aclamado em 1581. Como o antecessor, abandona a vida religiosa e sai em peregrinação. Instala-se em Ericeira, passando a ser visitado por um grande número de pessoas que acreditavam ser ele D. Sebastião. Notavam-se nele práticas de autoflagelações, teoricamente em decorrência do “erro” cometido em Alcácer-Quibir. Chegou a ser protegido por pessoas influentes e teria chegado a reunir oitocentos homens em sua defesa (Hermann, 1998, p. 253). Declarou-se como rei publicamente em 1585 e casou-se com a filha de Pedro Afonso, a quem coroou como rainha, com um diadema retirado da Virgem, dando títulos de nobreza ao sogro e a outras pessoas. Ocorreu um rápido enfrentamento com as tropas de Castela, seguido de julgamento sumário. A sua punição se tornaria exemplar: em 14 de junho de 1585, foi levado ao cadafalso, onde primeiro teve a mão direita cortada, em punição pela ousadia de assinar papéis e despachos em nome de D. Sebastião. Depois foi enforcado e teve a cabeça pendurada no pelourinho por um mês (Hermann, 1998, p. 256).

**Figura 7-** Gravura de Mateus Alvares

Fonte: D. Sebastião [...] (2019)<sup>11</sup>.

3. **Gabriel Espinosa**, pasteleiro espanhol, envolveu-se com a sobrinha de Felipe II, Ana da Áustria, que vivia em um convento. O confessor da princesa, Frei Miguel dos Santos, imaginou um plano no qual a princesa se casaria com o falso rei Sebastião, tornando-se rainha de Portugal. A trama acabou sendo descoberta, D. Miguel foi enforcado, bem como o falso D. Sebastião, que teve a cabeça exposta em praça pública. Quanto à Dona Ana, que acreditava na veracidade do falso rei, foi condenada a ficar quatro anos reclusa em sua cela do convento de Nossa Senhora da Graça, em Ávila (Hermann, 1998, p. 256-268).

4. **Marco Túlio Catizone**, calabrês. Afirmara, então, que o seu longo desaparecimento dera-se devido à vergonha pela perda na batalha da África. Preso uma segunda vez, foi torturado e acabou por confessar, sendo também morto e esquartejado (Hermann, 1998, p. 268-273; Athaide, 2016, p. 89-90).

---

<sup>11</sup> Disponível em: [https://torredahistoriaiberica.blogspot.com/2019/06/d-sebastiao-morreu-em-alcacer-quibiros\\_16.html](https://torredahistoriaiberica.blogspot.com/2019/06/d-sebastiao-morreu-em-alcacer-quibiros_16.html) Acesso em: 2 set. 2023.

**Figura 8** - Marco Tulio Catizone (Les Imposteurs Insignes, Jean-Baptiste de Rocolles, 1728)

Fonte: Marco [...] (2020)<sup>12</sup>.

Como vimos, o mito de retorno de D. Sebastião era uma resistência ao domínio da Espanha sobre Portugal. Esse mito pode ter sido trazido por portugueses ao Brasil, como o próprio padre Antônio Vieira, que teve uma importante atuação no estado do Maranhão e defendia a ideia do Quinto Império, quando um dos descendentes do monarca, D. João IV, da dinastia de Bragança, poderia, segundo o jesuíta, fundar o Quinto Império.

Esse último estágio da história da humanidade viria depois dos impérios assírio, representando o ouro, persa, a prata; grego, o cobre; e romano, o ferro. O império português, conduzido por um descendente de D. Sebastião, seria, para Vieira, o derradeiro Império, no qual a religião cristã suplantaria as demais, gerando um período de mil anos de felicidade na terra, quando todas as religiões estariam submetidas ao catolicismo.

Vieira, entre outros, foi influenciado pelas ideias de Bandarra, o sapateiro de Trancoso, do século XVI, que viveu no reino luso e escreveu trovas muito populares sobre a vinda de um rei messiânico estabelecedor de um período de felicidade. Ele e outros jesuítas

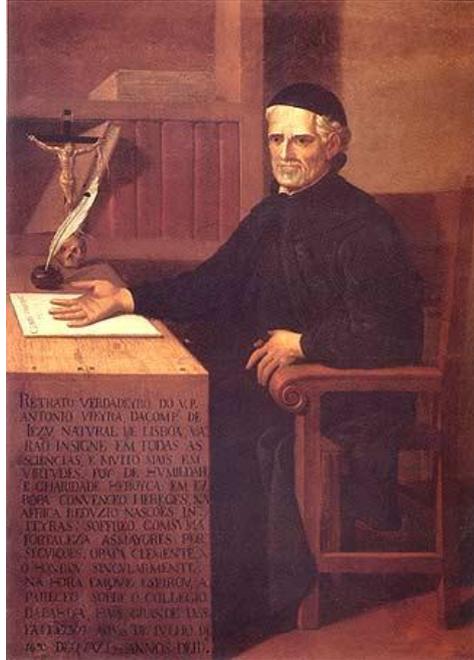
<sup>12</sup> Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Marco\\_Tulio\\_Catizone\\_\(Les\\_Imposteurs\\_Insignes,\\_Jean\\_Baptiste\\_de\\_Rocolles,\\_1728\).png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Marco_Tulio_Catizone_(Les_Imposteurs_Insignes,_Jean_Baptiste_de_Rocolles,_1728).png) Acesso em: 2 set. 2023.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

foram grandes difusores das ideias de Bandarra, e estas foram trazidas da metrópole à colônia (Vainfas, 2011). Com o desaparecimento do Desejado, voltaram a Portugal as ideias de que o último soberano avisino não estaria morto e iria retornar para proporcionar dias melhores.

**Figura 9** – Retrato do Padre Antônio Vieira, de autor desconhecido, século XVII



Fonte: Quinto [...] (2016)<sup>13</sup>.

Vieira teve os seus escritos perseguidos e chegou a ser preso pela Inquisição durante dois anos, em virtude de defender ideias milenaristas. Ele escreveu, entre outras obras, a *Clavis Prophetarum* e a *História do Futuro*. Além de Vieira, o mito sobre D. Sebastião pode ter sido trazido ao Brasil pelos açorianos, muitos deles cristãos-novos, que também estiveram no Maranhão.

A Ilha dos Lençóis possui uma topografia que lembra o local no qual foi travada a batalha de Alcácer-Quibir, um local desértico, marcado pela presença de um sol causticante, caracterizado por dunas, que parecem imensos lençóis, daí o nome da localidade. De acordo com Braga, as ondulações criam ilusões de ótica, com desenhos “intrincados e infinitos” (Braga, 2001, p. 31):

<sup>13</sup> Casa Cadaval, Muge, Portugal. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Quinto\\_Imp%C3%A9rio#/media/Ficheiro:Padre\\_Ant%C3%B3nio\\_Vieira.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Quinto_Imp%C3%A9rio#/media/Ficheiro:Padre_Ant%C3%B3nio_Vieira.jpg).

Acesso em: 3 set. 2023.

**Figura 10** - Ilha dos Lençóis, Maranhão

Fonte: Ilha [...] (2010)<sup>14</sup>.

As paisagens, de acordo com o mesmo autor, parecem impregnadas do “fantástico” e, nas lagoas, dentro das quais se formam uma vegetação, ao se movimentarem dão a impressão de serem joias, justamente as joias do rei Sebastião (Braga, 2001, p. 32-33). Para os habitantes, tais paisagens seriam um reino utópico com características edênicas, com descrições que se assemelham às da Jerusalém no *Apocalipse de São João*, marcado pela abundância, pela árvore da vida, pelas pedras preciosas, que Braga aponta ter contato também com o imaginário acerca das Ilhas Afortunadas e dos Campos Elísios.

No entanto, esse reino utópico dos Lençóis se encontra “encantado”, e a dura realidade dos habitantes da ilha é carregar água na cabeça, retirada muitas vezes das lagoas, que possuem água doce, ou recolhida da chuva; e a obtenção de alimentos por meio da pesca e da criação de alguns animais ovinos, caprinos e algumas aves.

Os pescadores da Ilha dos Lençóis, por serem albinos, costumam realizar as suas atividades à noite. Possuem a pele castigada pelo calor, sendo comum o acometimento de câncer de pele. Eles conhecem a lenda e “recebem” a entidade de D. Sebastião, cultuada nos terreiros de tambor de mina que existem na ilha (Pereira, 2005). No local, e em outros também, são conhecidas várias toadas mencionando o retorno do touro negro encantado.

<sup>14</sup> Foto de Gabriel Castaldi. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha\\_dos\\_Len%C3%A7%C3%B3is](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_dos_Len%C3%A7%C3%B3is). Acesso em: 20 ago. 2023.

**Figura 11 - Bumba-meu-Boi no Maranhão**

Fonte: Bumba [...] (2019)<sup>15</sup>.

O fato de D. Sebastião estar associado ao touro, símbolo de fertilidade desde o Egito Antigo (o touro Ápis), também se relaciona com outro mito popular no Maranhão, o mito do boi que nasce e renasce a cada ano durante os festejos juninos. Conforme essa lenda, Pai Francisco, um escravo, devido ao fato de sua esposa, Catirina, estar grávida e desejar comer a língua do boi favorito do dono da fazenda (ou amo), mata esse boi e foge. Começa então uma perseguição. Pai Francisco pede ajuda aos índios para não ser castigado e é atendido, pois o pajé consegue ressuscitar o boi, ficando selado, assim, o perdão do senhor, tudo terminando em festa<sup>16</sup> (Zierer, 2021).

<sup>15</sup> Foto de Márcio Vasconcelos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/bumba-meu-boi-pode-se-tornar-patrimonio-imaterial-da-humanidade> Acesso em: 20 set. 2020.

<sup>16</sup> Sobre a lenda, cf. entre outros Azevedo Neto (1997) e Furlanetto (2010). Acerca dos desdobramentos da lenda na atualidade e sua relação com os cultos africanos no Maranhão, ver Ferretti (2013).

Figura 12 - Representação de Catirina e Pai Francisco no mangá<sup>17</sup>

Fonte: Pai [...] [201-].

Nesse mito, ocorre a união das culturas de brancos, índios e negros na formação do Brasil. O auto do boi, encenado todos os anos pelos grupos folclóricos do Maranhão nos arraiais, conta por meio de seus “sotaques” a história do boi, o qual, todos os anos, tal como D. Sebastião, morre e renasce para trazer a prosperidade. A seguir, segue uma toada que conta as origens de D. Sebastião e a sua relação com o touro Ápis e outras representações desse animal na mitologia:

O boi é um tema universal  
 É mito, divindade, animal  
 No Egito e na Índia e todos os povos  
 O boi é festa tradicional  
 Boi Ápis, Minotauro, força vital  
 Touro negro, que é Zeus  
 Deus grego, touro negro de couro bordado  
 Que vive no areal  
 É o Rei, Dom Sebastião  
 Touro negro encantado no Maranhão  
 É festa e tradição  
 Quem ainda não conhece  
 Venha conhecer  
 O Boi Universal com o seu lindo guarnicer<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Ao fundo, imagens em verde contam a narrativa: o boi, Catirina grávida e a perseguição ao Pai Francisco após ter cortado a língua do boi. Disponível em: [https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Pai\\_Francisco\\_e\\_Catirina?file=Pai\\_Francisco\\_e\\_Catirina.jpg](https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Pai_Francisco_e_Catirina?file=Pai_Francisco_e_Catirina.jpg) Acesso em: 4 set. 2023.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

O touro é um elemento presente em várias culturas, conforme é mostrado na toada. Na cultura grega, Zeus, transfigurado em touro branco, deitou-se aos pés de Europa, que o acariciou. Ao montar no touro, este alçou voo e se voltou na direção do mar, indo para Creta. Lá, Zeus e Europa tiveram três filhos. O primeiro filho de Europa foi Minos, rei de Creta, o qual, para mostrar a sua reverência a Poseidon, deus dos Mares, prometeu que lhe sacrificaria um touro branco, mas não teve coragem devido à beleza do animal. Como vingança, Poseidon fez com que a esposa de Minos se apaixonasse e copulasse com o touro, o que gerou a figura do minotauro, metade touro e metade homem.

O rei manda construir um labirinto para encerrar o monstro, a quem são entregues continuamente homens e mulheres de Atenas em sacrifício, até que o herói Teseu, auxiliado pelo fio de Ariadne, consegue ser vitorioso, matando o monstro. Vemos, na cena a seguir, pintada num vaso ático, o combate entre Teseu e o minotauro:

**Figura 13** - Teseu matando o minotauro<sup>19</sup>



Fonte: Teseu [...] [201-].

O mito de D. Sebastião e a sua relação com o touro estão associados à fecundidade, relacionada à prosperidade, que poderia ser garantida por esse animal. O touro representa a força vital, pois, muitas vezes, é sacrificado e renasce. Na Península Ibérica, o boi era abençoado antes da morte, sendo abatido na Páscoa. O mesmo acontece, até hoje, na

<sup>18</sup> Toada “*Boi Universal*”, de Cecel (Complexo [...], 2011, p. 12).

<sup>19</sup> Figuras negras provenientes de um vaso ático. Museu de Arte de Toledo, c. de 550 a. C. Disponível em: <https://www.theoi.com/Gallery/T34.4.html>. Acesso em: 10 set. 2023.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, no Maranhão. Na Espanha, a *corrida de toros* também realiza “[...] o abate, retaliação do corpo, alimentação, vida, morte e renovação” (Braga, 2001, p. 57).

Entre os indianos, o touro também aparece como divindade. O deus védico Shiva possui um touro chamado Nandi, representando justiça e força, simbolizando o *dharma*, a ordem cósmica. Por fim, o touro está, ainda, associado à água, símbolo de fertilidade, e à lua, lembrando que existe a crença de que D. Sebastião aparece nos Lençóis justamente à noite, na época de lua cheia.

**Figura 14** - Divindade Nandi em Mysore, Karnataka, na Índia



Fonte: Nandi [...] (2020)<sup>20</sup>.

A importância do rei D. Sebastião foi retomada várias vezes na história de Portugal. Relembrado por poetas como Camões, contemporâneo do soberano, a quem a obra *Lusíadas* (1572) é dedicada, ou por Fernando Pessoa, no poema *Mensagem* ([1934], 2007).

No Brasil, o mito do retorno de D. Sebastião esteve ligado, no passado e no presente, com a vida das pessoas pobres, que ansiavam por melhores condições de sobrevivência. Maria de Macedo, por exemplo, presa em 1666, dizia encontrar D. Sebastião e

<sup>20</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nandi#/media/Ficheiro:Nandi\\_Chamundi\\_Mysore.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nandi#/media/Ficheiro:Nandi_Chamundi_Mysore.jpg). Acesso em: 3 set. 2023.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

afirmava que a família do soberano estava em uma ilha encantada com as embarcações preparadas para voltar a Portugal. Rosa Egipcíaca, uma ex-prostituta, e depois devota em Minas Gerais, previa a volta desse monarca, que, de acordo com as suas previsões, casaria-se com ela. Depois ocorreria um período de dilúvio, após o qual se iniciaria uma temporada de felicidade<sup>21</sup>.

Em Pernambuco, ocorreram dois movimentos messiânicos no século XIX. O Movimento da Serra do Rodeador, ou Cidade do Paraíso Terrestre (1817-1820), foi liderado por Silvestre José dos Santos, ex-capitão das milícias. Afirmava ouvir de uma pedra a voz de D. Sebastião e, nas suas pregações, prometia invencibilidade, imortalidade e riqueza (Cabral, 2009). Os seus seguidores eram compostos, principalmente, por agricultores pobres. O movimento foi derrotado em 1820, quando o povoado, localizado na região de Bonito, foi atacado e destruído pelo governador da província Luiz Rego Barreto, com a morte de oitenta habitantes, além da prisão de quatrocentos e vinte homens (Botelho; Reis, 2001, p. 212-213). Esse governador ficou conhecido até a atualidade como um algoz, sendo o movimento entendido como a luta das populações por melhores condições de vida, acesso à terra e à cidadania, segundo reportagem de Marcílio Brandão da TV Futura, intitulada *Sebastião Encantado* (2013).

O Movimento da Pedra Bonita ou Reino Encantado ocorreu entre 1836 e 1838, também em Pernambuco, em Pedra Bonita, Pedra do Reino ou Vila Bela. O seu líder, José Antônio dos Santos, arregimentou mais de trezentos seguidores, afirmando que o “Desejado” estaria encantado atrás das rochas e renasceria através do sangue de homens, mulheres e crianças sacrificadas (Salomão, 2008, p. 52-53; Cabral, 2009, p. 152-156).

Segundo Luca:

[...] na comarca de Flores, estado de Pernambuco, outro beato formou um movimento de conotações racistas. **Pregava que rei Sebastião voltaria para transformar os negros em brancos e os velhos em novos. Para que isso acontecesse os interessados seriam sacrificados em cima de uma pedra sagrada para ressuscitarem renovados** (Luca, 2014, p. 33, grifos nossos).

Assim, esse outro movimento messiânico também defendia uma possibilidade utópica de que, com a vinda do rei encantado, seria possível recuperar a juventude e transformar negros em brancos, em uma sociedade na qual o negro costumava ser visto como

---

<sup>21</sup> A figura Rosa Egipcíaca e a sua relação com D. Sebastião foram estudadas por Luís Mott, que analisou os autos do processo de Inquisição, no qual ela relatava as suas visões com o Encoberto. Ver: Mott (1993); Godoy (2007, p. 63-79).

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

inferior. O *Reino Encantado* foi derrotado pela Guarda Nacional, que matou vinte seis de seus membros e prendeu três deles, enquanto os outros conseguiram fugir (Botelho; Reis, 2001, p. 293).

Já na Bahia, a comunidade de Canudos (1893-1897) era liderada pelo místico Antônio Conselheiro – este defendia que D. Sebastião viria com o seu exército das ondas do mar e lutaria contra o Anticristo, identificado pelo primeiro com o estabelecimento da República no Brasil. No final do século XIX e início do XX, nas regiões do Paraná e Santa Catarina, o Movimento do Contestado também pregava o retorno de D. Sebastião e a melhoria de vida para as pessoas pobres (Salomão, 2012).

Outro elemento interessante da resignificação de D. Sebastião no Brasil, o qual morreu virgem, solteiro e sem filhos, é que, nos cultos afros, o encantado possui uma grande descendência, com vários filhos e filhas. Uma filha famosa é a princesa Ina, ou Iná. Segundo algumas lendas, quando da construção do Porto de Itaqui, em São Luís, no Maranhão, visando explicar várias mortes de escafandristas nessa localidade, os afogamentos foram atribuídos à princesa. Esse acontecimento foi entendido pela população local como uma reação de Ina contra os “ataques” ao seu reino encantado (Pereira, 2020, p. 11-13). Por isso, foram realizados “trabalhos”, isto é, cerimônias com pais de santo, com o propósito de “acalmar” a ira da princesa, a pedido das autoridades, surtindo o efeito desejado, pois as mortes pararam de acontecer, conforme relatado pelo engenheiro Bento M. Lima Neto em seu livro (Martins; Alves, 2017, p. 138-139).

Outros filhos de D. Sebastião, mencionados nas entrevistas feitas por Pedro Braga pelos praticantes do tambor de mina, são Princesa Flora (filha de D. Sebastião e da Rainha Bárbara ou Iemanjá) e João de Una, filho de D. Sebastião. O rei também é conhecido no tambor como Xapanã<sup>22</sup>, Ossi e Oxóssi (Braga, 2001, p. 84).

Outro elemento significativo a ser salientado sobre o mito de D. Sebastião na contemporaneidade é que o rei não está encantado somente no Maranhão, porém essas ideias espalharam-se para outras áreas da região amazônica, como o Pará e o Amazonas e também para outras localidades do Nordeste, como o Ceará, por exemplo. Entre as crenças do povo indígena do Tremembé, o rei é um homem bonito montado em um cavalo branco, ambos cobertos de ouro e com muito brilho:

---

<sup>22</sup> Segundo depoimento de praticantes do Tambor de Mina: “Xapanã faz uma guerra muito grande, ele combate uma das piores pragas que existe no mundo que é a doença. [...] Ele conta pra gente que ele absorveu, ele sofreu isso, Xapanã é um vodum doente. A Família de Acossi, quase todinha, quando se manifesta, se manifesta deitado, cai no chão, é como se tivesse um ataque epilético [...]. É a força de Acossi, é uma divindade, é um rei terrível, temido não pela sua riqueza mas pelo seu poder. Porque Xapanã é um rei pobre, é da família dos reis pobres, com grande poder espiritual, mas sem riqueza” (Luca, 2014, p. 260).

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

**O Rei Sebastião já foi visto por antigos pescadores aqui na região de Almofala, e suspeita-se** que ele seja o dono da Pedra da Batateira, ou seja, que lá seja o seu lugar encantado, isto porque foi visto seguindo pela estrada iluminada que segue em direção dessa pedra, que também é encantada (Fontenelle; Santos, 2014, p. 46, grifos nossos).

Conforme é possível perceber, mais uma vez D. Sebastião está associado a um reino encantado e também à figura de uma pedra, possivelmente relacionando o rei com riquezas, pedras preciosas.

Almofala é um distrito do município de Itarema, e a maior parte de sua população descende de índios. Originalmente, foi ocupada pelos indígenas de Tremembé, daí ter tido como nomes Aldeia do Cajueiro, depois “Missão do Aracati-mirím”, “Missam do tapuya Tramanbe” e ainda “Missão de Nossa Senhora da Conceição dos Tramambés. Esse povo indígena tinha suas terras indo do Pará até o estado do Ceará. Algumas tradições são preservadas, tal como a dança Torém, manifestação do *ethos* tribal em estado de transição para o folclore, que, em todo o Ceará, é realizada apenas em Almofala.

### **Considerações finais**

Foi possível perceber, neste artigo, a figura de D. Sebastião como representante de felicidade e fartura para as populações pobres no Brasil, no passado e presente, assim como a importância desse rei inserido no mito de um governante ideal, espécie de rei Artur, que vem trazer ao mundo uma era de felicidade quando mais precisarmos dele (Zierer, 2021). O mito de D. Sebastião na terra encantada dos Lençóis representa o desejo das populações por uma vida melhor, mais digna e repleta de felicidade e justiça.

A discussão desse mito também se apresenta como relevante na sociedade e, igualmente, no espaço escolar (Zierer, 2019) por mostra mostrar que a História transforma-se: enquanto a morte de D. Sebastião em Portugal significou um mito de resistência à dominação castelhana, no Brasil ganhou novos significados, de um rei salvador de uma população sofrida, trazendo a essa a possibilidade de sonhos utópicos de um mundo próspero, com a ascensão do reino de Queluz e a transformação do touro negro em soberano guerreiro.

De acordo com o poeta maranhense Ferreira Gullar (2001), no poema *O Rei que Mora no Mar*:

Diz a lenda que na praia/dos Lençóis no Maranhão  
há um touro negro encantado/e que esse touro é  
Dom Sebastião.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

Dizem que, se a noite é feia,/qualquer um pode escutar  
o touro a correr na areia/até se perder no mar  
onde vive num palácio/feito de seda e de ouro.  
Mas todo encanto se acaba/Se alguém enfrentar o touro.  
Isso é o que diz a lenda./Mas eu digo muito mais:  
Se o povo matar o touro,/a encantação se desfaz.  
Mas não é o rei, é o povo/que afinal desencanta.  
Não é o rei, é o povo/que se liberta e levanta  
como seu próprio senhor/  
QUE O POVO É O REI ENCANTADO  
NO TOURO QUE ELE MESMO INVENTOU

O poeta, além de nos contar a lenda que já sabemos sobre o touro encantado, que é D. Sebastião, de suas riquezas e de seu palácio, acrescenta que o mito foi inventado pela própria população, capaz, ela mesma, de realizar o desencanto, o qual pode ser compreendido como a luta do próprio povo em busca de uma vida melhor.

## Referências

*A Ilha de Dom Sebastião*. Direção: Marcyia Reis e Ivan Canabrava. TV Câmara, 2005. Duração: 23:20 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2n8vREKTjy4> Acesso em: 7 jan 2024.

ALVITE, C. M. C.; VIDAL, M. D.; BORREANI, O. H. P.; BORBA, E. C. M. Perfil da visitação na Ilha dos Lençóis, comunidade de pescadores tradicionais, Reserva Extrativista de Cururupu (MA). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 656-680, nov. 2014/jan. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6415>. Acesso em: 3 set. 2023.

ATHAIDE, Filipe Duret. Frei José Teixeira, defensor do Falso de Veneza: sebastianismo e cultura política na Europa setecentista. *Temporalidades – Revista de História*, ed. 22, v. 8, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em : [https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5734/pdf\\_1](https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5734/pdf_1). Acesso em: 2 set. 2023.

AZEVEDO NETO, Américo. *Bumba-meu-Boi no Maranhão*. 2. ed. aum. São Luís: Alumar, 1997.

BANDARRA, Gonçalo Annes. *Profecias do Bandarra* (Sapateiro de Trancoso). 8. ed. Lisboa: Vega, 2008.

BANDARRA. *Wikimedia Commons*, 2012. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bandarra.jpg>. Acesso em: 20 maio 2023.

BATALHA de Alcácer-Quibir. *Wikipedia*, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha\\_de\\_Alc%C3%A1cer\\_Quibir](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Alc%C3%A1cer_Quibir) Acesso em: 3 set. 2023.

BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

BOTELHO, Angela; REIS, Liana. *Dicionário Histórico Brasil: Colônia e Império*. Belo Horizonte: O Autor, 2001.

BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRAGA, Pedro. *O Touro Encantado da Ilha dos Lençóis: o sebastianismo no Maranhão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BUMBA meu boi pode se tornar patrimônio imaterial da humanidade. *Agência Brasil*, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/bumba-meu-boi-pode-se-tornar-patrimonio-imaterial-da-humanidade> Acesso em: 20 set. 2020.

CABRAL, Flavio José Gomes. Em nome do El-rei D. Sebastião: Guerras Sebásticas e mistérios encobertos no Rodeador e em Pedra Bonita. In: ZIERER, Adriana; XIMENDES, Carlos Alberto (org.). *História Antiga e Medieval: cultura e ensino*. São Luís: Ed. UEMA, 2009. v. 1, p. 147-158.

CASTRO, Junior. *Filhos da lua: a comunidade de albinos no Maranhão. Enquanto isso no Maranhão*, 2020. Disponível em: <https://enquantoissonomaranhao.com.br/filhos-da-lua-a-comunidade-de-albinos-no-maranhao>. Acesso em: 2 set. 2023.

COMPLEXO Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luís: Iphan/MA, 2011. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_bumba\\_meu\\_boi\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf) Acesso em: 10 ago. 2023.

CRUZ, Maria Augusta L. D. *Sebastião*. Lisboa: Temas e Debates, 2009.

D. SEBASTIÃO morreu em Alcácer-Quibir? os falsos D. Sebastião: 3 parte. *Torre da história ibérica*, 2019. Disponível em: [https://torredahistoriaiberica.blogspot.com/2019/06/d-sebastiao-morreu-em-alcacer-quibir-os\\_16.html](https://torredahistoriaiberica.blogspot.com/2019/06/d-sebastiao-morreu-em-alcacer-quibir-os_16.html) Acesso em: 2 set. 2023.

DOMINICI, Rayan Santos. MARTINS, Valquíria; FERRETI, Sérgio. *Dom Sebastião: do mito português à adoração maranhense*. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/579>. Acesso em: 9 jul. 2023.

FERRETI, Sérgio. O mito e ritos de D. Sebastião no Tambor de Mina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 10., 2004, Recife. *Anais [...]*. Recife: Comissão Nacional de Folclore; São Luís: Comissão Nacional de Folclore, 2004. p. 211-223.

FERRETI, Sérgio. Encantaria maranhense de D. Sebastião. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, v. 1, n. 1, p. 262-285, 2013. Disponível em: <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/19> Acesso em: 1 jun. 2023.

FIALHO, Márcio. Localização da Floresta dos Guarás. *NugeoUema*, 2017. Disponível em: <https://www.nugeo.uma.br/?p=11040>. Acesso em: 7 jan 2024.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

FLORESTA dos Guarás. *Visite o Brasil*, [201-]. Disponível em:

<https://www.visiteobrasil.com.br/nordeste/maranhao/ecoturismo/conheca/floresta-dos-guaras>.

Acesso em: 3 set. 2023.

FONTENELLES FILHO, J. M. (org.); SANTOS, Maria Andreína dos. *Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Bumba-meu-boi do Maranhão: território de encontros e representações sociais. *R. RA E GA*, Curitiba: Editora UFPR, n. 20, p. 107-113, 2010.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1989.

GODOY, Marcio H. D. *Sebastião no Brasil: das oralidades Tradicionais à Mídia*. 244 f. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Estética) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

GULLAR, Ferreira. *O rei que mora no mar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Global, 2001.

KIRK, G.S. *The Nature of Greek Myths*. New York: Penguin Books, 1977.

HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HERMANN, Jacqueline. *1580-1560: o sonho da salvação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a.

HERMANN, Jacqueline. Sebastianismo. In: VAINFAS, Ronaldo (dir.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. São Paulo: Objetiva, 2000b. p. 523-526.

ILHA dos Lençóis. *Wikipedia*, 2010. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha\\_dos\\_Len%C3%A7%C3%B3is](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_dos_Len%C3%A7%C3%B3is). Acesso em: 20 ago. 2023.

LIMA, Luís Filipe Silvério. *O império dos sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo e messianismo brigantino*. São Paulo: Alameda, 2010.

LUCA, Taissa Tavernard de. A viagem fantástica de Rei Sebastião: de Alcacer Quibir ao Terreiro de Mina. *Revista Observatório da Religião*, v.1, n. 1, jan./jun., p. 242-275, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/309>  
Acesso em: 10 abr. 2023.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. *A legitimidade da restauração portuguesa a partir do Discurso do Padre Antônio Vieira (1641-1661)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.

MARCO Tulio Catizone. *Wikimedia Commons*, 2020. Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Marco\\_Tulio\\_Catizone\\_\(Les\\_Imposteurs\\_Insignes,\\_Jean\\_Baptiste\\_de\\_Rocoles,\\_1728\).png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Marco_Tulio_Catizone_(Les_Imposteurs_Insignes,_Jean_Baptiste_de_Rocoles,_1728).png). Acesso em: 2 set. 2023.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

MARTINS, Carolina; ALVES, Elio. Terreiro do Egito: memórias e resistência em São Luís do Maranhão. *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, n. 35, p. 137-151, jul./dez, 2017.

MEGIANI, Ana Paula T. *O jovem rei encantado: expectativas do Messianismo Régio em Portugal, séculos XIII a XVI*. São Paulo: Hucitec, 2003.

MOTT, Luís. *Rosa Egípcíaca: uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

NANDI. *Wikipedia*, 2020. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Nandi#/media/Ficheiro:Nandi\\_Chamundi\\_Mysore.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nandi#/media/Ficheiro:Nandi_Chamundi_Mysore.jpg). Acesso em: 3 set. 2023.

O CASTELO de D. Sebastião na Ilha dos Lençóis. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=lzPDkPujWWA>

Acesso em: 7 jan. 2024.

PAI Francisco e Catarina. *Fantastipédia*, [201-]. Disponível em:

[https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Pai\\_Francisco\\_e\\_Catirina?file=Pai\\_Francisco\\_e\\_Catirina.jpg](https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Pai_Francisco_e_Catirina?file=Pai_Francisco_e_Catirina.jpg). Acesso em: 4 set. 2023.

PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. Filhos do Rei Sebastião”, “Filhos da Lua”: construções simbólicas sobre os nativos da Ilha dos Lençóis. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 61-74, mar. 2005. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50224/54338> Acesso em: 24 jul. 2023.

PEREIRA, Roberto Augusto A. Capoeira, religiões de matriz africana e o imaginário da sociedade maranhense dos anos 1960/1970. *Outros Tempos*, São Luís, v. 17, n. 30, p. 1-18, 2020. Disponível em:

[https://outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/712](https://outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/712) Acesso em: 4 set 2023.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Hedra, 2007.

QUINTO Império. *Wikipedia*, 2016. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Quinto\\_Imp%C3%A9rio#/media/Ficheiro:Padre\\_Ant%C3%B3nio\\_Vieira.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Quinto_Imp%C3%A9rio#/media/Ficheiro:Padre_Ant%C3%B3nio_Vieira.jpg). Acesso em: 3 set. 2023.

REAL, Miguel. Padre António Vieira. A arquitectónica do Quinto Império na carta *Esperanças de Portugal* (1659). *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, ano 7, n. 13-14, p. 107-140, 2008.

REIS, Rosalva de Jesus dos. *Reserva Extrativista Marinha de Cururupu: limites e possibilidades à sustentabilidade ambiental*. Curitiba: CRV, 2022.

SALOMÃO, Eduardo Rizzatti. *O Exército Encantado de São Sebastião: um estudo sobre a reelaboração do mito sebastianista na Guerra do Contestado (1912-1916)*. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

SALOMÃO, Eduardo Rizzatti. *A Guerra de S. Sebastião (1912-1916): um estudo sobre a ressignificação do mito do rei encoberto no movimento sociorreligioso do Contestado*. 2012. 292 f. Tese (Doutorado em História). Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

SEBASTIÃO Encantado. *Sala de Notícias*. Reportagem e roteiro de Marcílio Brandão. TV Futura, 2013. Duração: 16:15 min. Acesso em 07 jan 2024.

SEBASTIÃO I de Portugal. *Wikipedia*, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o\\_I\\_de\\_Portugal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o_I_de_Portugal). Acesso em: 20 maio 2023.

SEPULTADA a albina mais antiga da Ilha dos Lençóis no Norte do MA. *Gl Maranhão*. 04/04/2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/sepultada-a-albina-mais-antiga-da-ilha-dos-lencois-no-norte-do-ma.ghtml>. Acesso em: 8 ago. 2023.

TESEU e o Minotauro. *Theoi*, [201-]. Disponível em: <https://www.theoi.com/Gallery/T34.4.html>. Acesso em: 10 set. 2023.

UFMA levará energia eólica para o Arquipélago de Maiaú em Cururupu (MA). *Reentrâncias*, 2010. Disponível em: <https://reentrancias-ma.blogspot.com/2010/04/ufma-levara-energia-eolica-para-o.html>. Acesso em: 3 set. 2023.

VAINFAS, Ronaldo. *Antônio Vieira: Jesuíta do rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZIERER, Adriana. Iluminando a Idade Média: um breve panorama sobre a História Medieval no Brasil e a Relação História-Ensino. In: ZIERER, Adriana; XIMENDES, Carlos Alberto (org.). *História Antiga e Medieval: cultura e ensino*. São Luís: Ed.UEMA, 2009. v. 1. p. 9-27.

ZIERER, Adriana. *Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal: uma outra viagem pela Idade Média*. São Luís: Ed. UEMA, 2013.

Disponível em:

[https://www.academia.edu/43534982/DA\\_ILHA\\_DOS\\_BEM\\_AVENTURADOS\\_%C3%80\\_BUSCA\\_DO\\_SANTO\\_GRAAL\\_Uma\\_outra\\_viagem\\_pela\\_Idade\\_M%C3%A9dia\\_livro\\_com\\_pleto](https://www.academia.edu/43534982/DA_ILHA_DOS_BEM_AVENTURADOS_%C3%80_BUSCA_DO_SANTO_GRAAL_Uma_outra_viagem_pela_Idade_M%C3%A9dia_livro_com_pleto) Acesso em: 8 ago. 2023.

ZIERER, Adriana. D. Sebastião, o encantado, no Maranhão: uma ferramenta para a reflexão histórica no ensino básico. In: CAMÊLO, Júlia Constança P.; MATEUS, Yuri Alhadeff (org.). *História do Maranhão na sala de aula: formação, saberes e sugestões*. São Luís, Eduema, 2019. p. 101-119.

Disponível em :

[https://www.academia.edu/40298978/D\\_SEBASTI%C3%83O\\_O\\_ENCANTADO\\_NO\\_MARANH%C3%83O\\_uma\\_ferramenta\\_para\\_a\\_reflex%C3%A3o\\_hist%C3%B3rica\\_no\\_ensino\\_b%C3%A1sico\\_In\\_CAM%C3%80LO\\_J%C3%BAlia\\_MATEUS\\_Yuri\\_Orgs\\_Hist%C3%B3ria\\_do\\_Maranh%C3%A3o\\_na\\_Sala\\_de\\_Aula\\_Forma%C3%A7%C3%A3o\\_Saberes\\_e\\_Sugest%C3%B5es\\_S%C3%A3o\\_Lu%C3%ADs\\_Eduema\\_2019\\_livro\\_digital\\_completo](https://www.academia.edu/40298978/D_SEBASTI%C3%83O_O_ENCANTADO_NO_MARANH%C3%83O_uma_ferramenta_para_a_reflex%C3%A3o_hist%C3%B3rica_no_ensino_b%C3%A1sico_In_CAM%C3%80LO_J%C3%BAlia_MATEUS_Yuri_Orgs_Hist%C3%B3ria_do_Maranh%C3%A3o_na_Sala_de_Aula_Forma%C3%A7%C3%A3o_Saberes_e_Sugest%C3%B5es_S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_Eduema_2019_livro_digital_completo) Acesso em: 10 set. 2023.

ZIERER, Adriana. O Rei Artur e D. Sebastião entre as simbologias do dragão, do urso e do touro: do Medieval à Contemporaneidade. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2021. p. 178-227. Disponível em :

**Outros Tempos**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139. ISSN: 1808-8031

<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/39421>. Acesso em:  
20 mar. 2023.